

A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

REDACTOR-GERENTE: ROULPHO FELIPPE

Redação e Administração
LARRIBA DO CAMO N.º
Expediente à noite

ASSINATURAS:
ANO... 193000 -- Semestres... 38000
NUMERO AVULSO 5200 -- Pacote (12 avulsos) 38000

Toda correspondência, vales e recados
devem ser endereçados a Colza Postal, 193
S. Paulo - Brasil

Ano Novo

Ano novo, vida nova, diz um provérbio popular, e realmente interessante como a fragorância do povo, dele se compenetra a ponto de julgar que com o início de um novo ano a sua situação mudará, que os males que o afligem no presente cessarão, e que com o primeiro dia dos 365 a decorrer, a vida se tornará para ele um mar de rosas.

Os jornais diários publicam sempre no dia primeiro do ano um balanço de todos os males que fizeram sofrer a patria e o povo, e terminam desejando que com o novo ano começa para a nossa querida patria, tão merecedora de melhor sorte, uma era de felicidade.

Os jornais ilustrados enchem as suas paginas de figuras quasi sempre representando um velho estirpe do -o ano velho- com uma enorme bagagem ás costas com as botas dos principais fatos ocorridos durante o ano, caminhando para um abismo e do outro lado, surgindo por entre raios de luz, um rochoso menino, todo saude, que representa o ano novo, promotor de alegrias e felicidades.

Os empregados do Correio, coitados - não têm mãos a medir para dar conta da expedição dos cartões de boas festas, portadores da expressão de tudo quanto se pode desejar de bom a uma pessoa.

E chega a provocar nos o riso a crêntine popular, quando vemos no dia 31 os cafés, bares e casas de diversões conservarem-se a noite toda abertos, sempre repletos de povo, as ruas e praças com um movimento extraordinário, e tudo porque? Porque naquela noite fecha-se o ciclo que o convencionalismo chamou ano. Aquela gente toda parece esperar que, com o soar das 24 horas, terminará para ela toda sorte de mal-estar.

Na situação atual, desajar nos que trabalham, com o começo de um novo ano, como ponto de dias iguais aos demais, felicidades, bem-estar, e desejar bom apetite a quem está para arrebeitar de fome e sem um pedaço de pão para a saciar.

Desejamos, é verdade, não só hoje como todos os dias, em todos os momentos e onde quer que estejamos, que o povo, esse povo trabalhador que tudo produz e nada goza, se instrua, crie uma consciencia necessaria para compreender que não deve esperar do tempo as comodidades a que tem direito, mas lutar sempre e sempre para as conquistar. E não só o desejamos, mas agirmos sempre, e o melhor possível, para que tal fim seja alcançado.

Não será com o terminar de

um ano e o entrar de outro igual que conseguiremos a nossa liberdade. Nos, os trabalhadores, teremos também o nosso ano "bom", as boas "boas festas", mas só depois de muita luta, após o advento duma sociedade igualitaria.

Trabalhadores, como vos poderemos desejar dias felizes, quando estais sujeitos aos possuidores das fabricas, dos campos, de todos os meios de produção?

Sereis felizes, mas somente quando, na Terra, não existirem ricos e pobres, quando o homem não estiver sujeito ao homem. Para conseguirmos essa felicidade, devemos lutar constantemente contra a atual organização social, causa de tantos males.

Trabalheemos, pois, para a conquista do nosso ano bom - a Revolução Social. - E. L.

O fisco e o mar, ou a lagosta esperando

Um dia um professor duma faculdade parizense, quiz estudar em seu laboratorio os hábitos das lagostas. Como esses animais só vivem na agua do mar, o primeiro cuidado do sábio foi preparar-lhes o ambiente adequado. Extrair, porém, alguns litros de agua do vasto oceano não é cousa tão simples como parece: a agua do mar é salgada e dela se extrai o sal que paga imposto. Foi-lhe, pois, necessario dirigir uma petição ao ministro da Fazenda para obter a autorização de extrair um tonel de agua.

Recebido o pedido, a administração encarregou um subalterno de informar-se da moralidade do suplicante, do que resultou um volumoso relatório que, por via hierarquica, chegou à repartição departamental interessada, a qual delegou imediatamente a um inspector para formular nova informação acerca dos motivos que poderia ter o suplicante para diminuir o nível do Atlantico, e, por último, após algumas semanas de reflexão e madura meditação, despachou favoravelmente.

Passaram-se dias e dias e a administração acabou por avisar ao pensionário, com as formulas e circunlóquios consagradas, em uma carta encadada de textos e de artigos de leis da Revolução e do Código Penal.

E, para terminar, porque tudo tem um termo, até as triquinhas legais, depois de mezes e mezes de cruel incerteza, o sábio pôde deitar em barricas, em lugar fixo da praia, a agua que humildemente tinha solicitado.

Tinha-se cumprido a lei; as lagostas moviam alegremente suas patas e o professor, homem da ordem e arraigado conservador, sentiu um tanto abatida a sua confiança na necessidade do Estado e na utilidade das leis.

O ideal pelo qual lutamos

Critério economico

Somos libertarios ou anarquistas. Como tais atacamos a instituição da propriedade, e a moral que a tem por base.

No monopólio da riqueza produzida por todos, sem que a parte de cada um possa ser rigorosamente determinada, na apropriação individual da terra, dos meios de produção e de comunicação, bem como dos produtos, vemos nós a origem principal da miseria e do acatamento da grande maioria, da insegurança e inquietação de todos.

Estamos, por isso, convencidos de que a unica solução para este problema é a seguinte: destruir esse terrível direito de vida e de morte que tem o proprietário, senhor dos meios de produção, sobre o trabalhador desprovido de tudo, socializando, isto é, ponho á disposição de todos a terra, os instrumentos de trabalho, os meios de comunicação, as materias primas, tudo posto em ação por todos e em benefício de todos.

Queremos uma sociedade que tenha por fim assegurar a cada um o seu desenvolvimento integral: uma sociedade em que o trabalho, tendo á satisfação das necessidades dos individuos, seja escolhido por cada um e organizado pelos proprios trabalhadores.

Critério social

Tomamos o nome de anarquistas ou libertarios, porque somos inimigos do Estado, isto é, do conjunto de instituições politicas que têm por fim impor, a todos, os seus interesses e a sua vontade mascarada ou não com a vontade popular.

Constituímos por si mesmo uma classe privilegiada, o Estado, ao caso de subsistir depois de suprimida a classe burguesa, seria levado para necessidade da propria conservação a restabelecer o privilegio, criando um partido seu, interessado em o sustentar, mesmo atentando contra o direito da coletividade.

Somos, pois, anarquistas, porque queremos uma sociedade sem governo - uma organização social livre, constituída do individuo ao grupo, do grupo a federação e á confederação, com desprezo de barreiras e fronteiras, sendo a associação baseada sobre o livre accordo e naturalmente determinada e regulada pelas necessidades, aptidões, idéias e sentimentos dos individuos.

Essa é a organização social correspondente ao anarquismo e que poderá garantir a igualdade de condições economicas.

Método de ação

Concepção integral, o anarquismo tem um método proprio de ação, baseado na livre iniciativa e na solidariedade.

Os poderes publicos cedem apenas as liberdades que são todas. A lei é inútil, quando não é nociva; fica letra morta, quando registra uma liberdade, se o povo não a defende e usa.

Repudiamos, portanto, a ação eleitoral e parlamentar, que só serve para reforçar o Estado, dar prestigio ás velhas instituições autoritarias e adormecer as energias populares.

O nosso método é a ação direta, que desde já, ainda na conquista de pequenos melhoramentos atuais, tende a despertar a iniciativa, o espirito de espontaneidade, a decisão, a coragem, ensinando a massa popular a agir por conta propria, a unir-se e a viver sem tutela.

Consideramos como nossa tarefa mais urgente a obra da organização, no campo economico, com os trabalhadores, e no campo ideologico por meio dos grupos federados entre si, contemporaneamente com o desenvolvimento da propaganda oral e escrita dos nossos principios e contra a ignorancia, os preconceitos e os vícios, como preparação da luta decisiva que os oprimidos e espoliados deverão sustentar contra o capitalismo, pelos meios proprios da ação direta, levados pela necessidade e pela consciencia da propria força.

O pobre na sociedade

Quasi todos os gastos sociais fazem-se em proveito dos ricos. O pobre não precisa guardas campestres, não tendo propriedades que guardar, nem gendarmes, pois a nudez de sua cabana ou facho é uma excelente fechadura para impedir os ladrões; nem tribunals, porquanto o que nada possui perde sempre o pleito; nem cárceres, porque para ele foram feitos e só do pobres se enchem;

nem exercito, visto que em tempo de guerra, toniam-lhe seus filhos e em tempo de paz impedem-no de ser o mais forte; nem monarquia resplandescete, na certeza que o rei não o convida para seus banquetes e sarnas; nem lhe concede pensões a cargo do real patrimonio; nem as quatro faculdades da Universidade, porque não mandará ensinar latim ou Grego aos seus filhos; nem bibliotecas, porque é analfabeto; nem canals, nem grandes estradas, visto viajar a pé com o saço ás costas...

CLAUDIO TILLIER.

Os grandes administradores

O MINISTRO DA CAIXA E O MINISTRO DA JUSTIÇA

Se quizessemos procurar uma prova evidente da incuria, descaso e incompetência dos homens que se incumbem a si mesmos os mais perfectos e completos estadistas, únicos, na sua opinião, de governar indefinidamente o Brasil, outra não poderia aparecer mais gritante e clamorosa que o grande desfalque ocorrido na Caixa Economica Estadual.

Uma quadrilha de fucepionarios da propria Caixa, conluída com outra quadrilha de piratas cá de fora para dar assalto ao dinheiro do estabelecimento, desde 1920, quasi desde a sua fundação, durante doze anos, desvia, em proveito proprio, 20 mil e tantos contos, diariamente, com todo o socego e civismo, sem ninguém os incomodar, nem os descobrir, apesar de todos serem conhecidos pela dissipação assídua e continua de rios e rios de dinheiro que esbanjavam em jogatinas, em lutas esportivas, em jogos de futebol, frequentando teatros, "cabarets" e restaurantes assiduamente e mantendo luxuosas "garçonieres" e ricas amantes, adquirindo fazendas e propriedades, gozando, enfim, do bom e do melhor, criando altas relações, fazendo figura, emprestando dinheiro a troco de hipotecas, sem que nenhum de seus superiores hierarquicos fizesse um reparo, sem que a gerencia ou a administração ou a fiscalização percebessem qualquer indício ou dessem pela falta de um tostão, durante doze anos de permanente assalto!

Mas, então, será que toda aquela gente estivesse a dormir? Doze anos não são doze dias. E vinte mil contos não são vinte mil réis. Qualquer banco particular da Praça apresenta e publica seu balançete mensal e anualmente.

E o que exigem dos bancos particulares porque não se pratica nas instituições publicas?

Este caso e muitos outros revelam o caos administrativo e financeiro a que nos sujeitaram esses politicos que ainda ha pouco submeteram o Brasil ao mais terrível turbilhão de morte e destruição que já avassalou o Paiz.

Os proprios funcionarios adquiririam os lugares por injunções politicas e não por proprio mérito. Nomeava-se o votante, o eleitor ou quem o chefe eleitoral indicava. Ninguém cogitava da competência, da capacidade, da moralidade, da honestidade. Para que, pois, zelar pelos interesses publicos, pela guarda do dinheiro do povo, pelo nível moral da administração de que são engronagem?

Uma quadrilha instalada em uma instituição publica, a roubar diariamente, durante doze anos, dezanas de milhares de contos! Já é bater o campedão da ladroeira!

Porque mãos anda o dinheiro do Povo!...

Acerca do emprego da força

A anarquia é a negação da autoridade na medida em que seja possível eliminá-la das sociedades humanas. Um estado social anárquico só será possível quando «nenhum homem possa ou tenha os meios de constranger, a não ser pelos da persuasão, a outro homem» a fazer o que este não queira. Hoje, não podemos prevêê-lo em um futuro próximo ou remoto poderá cessar também de todo até a autoridade moral; talvez seja possível que desapareça, mas, certamente, irá diminuindo a medida que aumente a se eleva a consciência individual de cada componente da sociedade.

Ha uma certa autoridade que provém da experiencia, da ciencia, que não é possível e seria loucura desprezar, como seria loucura que o enfermeiro se insurgisse contra a autoridade do medico relativamente aos modos de tratar um enfermo, ou o pedreiro que não quizesse seguir as instruções do arquiteto acerca da construção dum edificio, ou o marinheiro que quizesse dirigir o navio contra as indicações do piloto. O doente, o pedreiro e o marinheiro obedecem respectivamente ao medico, ao arquiteto e ao piloto «voluntariamente», porque de antemão notaram livremente a direção técnica destes. Ora bem: logo que se tivesse estabelecido uma sociedade na qual não houvesse outra forma de autoridade do que a técnica, a científica, ou da influencia moral, sem o emprego da violencia do homem sobre o homem, ninguém poderia negar que seria uma sociedade anárquica.

Não se pôde afirmar que conseguimos a anarquia perfeita — que nada ha de perfeito neste mundo — e a perfeita pacificação social; contudo é inegável que a falta da violencia coativa do homem sobre o homem, é a condição indispensavel para a existencia duma organização social anárquica.

Naturalmente, então, só será possível e necessaria uma unica forma de violencia contra o nosso semelhante; a que tenha por fim a defesa contra o que, havendo-se colocado por si mesmo fora da sociedade e do pacto livremente aceite por todos, não ficasse nisso e quizesse ainda por cima violar a tranquillidade dos demais. Os desconfiados e os que fazem ouvidos de mercador á palavra de pacto social atroam as nuvens como se quizessem que, desde já, os socialistas-anarquistas tivessem que fixar um estado ou sistema de vida obrigatorio. Henrique Malatesta, no seu folheto «Entre Camponeses» coloca a questão claramente nestes termos: «Demais — disse Jorge, um dos personagens do dialogo — o que queremos fazer por meio da força é pôr em comum as materias primas do solo, os instrumentos do trabalho, os edificios e todas as riquezas existentes. Relativamente ao modo de organização e distribuir a produção, o povo fará o que queira... Pôde-se prevêê-lo com certeza que n'alguns pontos estabelecerá o comunismo, noutros o coletivismo, noutros ainda talvez outra coisa; logo, quando se tenham visto e tocado os resultados dos sistemas adotados, os demais irão aceitando o que pareça melhor. «O essencial é que ninguém intenda mandar os demais,

nem se apodere da terra e dos instrumentos de trabalho. A este respeito é que é preciso cuidado para impedir que tal suceda».

E á pergunta sobre o que faríamos se alguma quizesse opôr-se áquilo que os demais houvessem resolvido no interesse de todos, ou então se alguns intentassem violar a liberdade alheia pela força, ou se negassem a trabalhar, prejudicando desse modo os seus semelhantes, Malatesta responde: «No pior dos casos, se houvesse quem não quizesse trabalhar, tudo se resumiria a expulsão dos da comunidade, dando-se-lhes as materias primas e os instrumentos de trabalho para que trabalhassem á parte». Então — quando algum quizesse violar a liberdade alheia — seria naturalmente necessario recorrer á força, uma vez que, se não é justo que as maiorias oprimam as minorias, tampouco é justo o contrario; assim como as minorias tem direito á insurreição, as maiorias tem o direito de defesa. Nestes casos a liberdade individual não ficaria violada desde o momento em que... Sempre e em todas as partes os ho-

mens teriam um direito imprescindível ás materias primas e aos instrumentos de trabalho, podendo, portanto, separarem-se dos demais e serem livres.»

Compreende-se que o mesmo raciocínio é válido para as minorias, que teriam o direito de revoltar-se contra as maiorias, que quizessem violentar sua vontade e sua liberdade pois, se isto ocorresse, a anarquia existiria so de nome e não de fato. Contudo, ainda neste caso, tratar-se-ia de violencia defensiva e não ofensiva, cuja necessidade demonstraria em última análise que a anarquia não triunfaria ainda. Eis aqui em que sentido creio, no que se refere á sociedade futura socialista e libertaria, «que a violencia deve empregar-se o menos possível e em todos os casos unicamente como meio defensivo e nunca ofensivo». Como o demonstraram muitobem Gauthier, Kropotkine, Lannoussan e outros, a luta pela vida, entre os homens, deve ser substituída cada vez mais, pela associação e apoio mútuo, «a solidariedade na luta contra a natureza», a que devemos arrancar todo o bem estar que seja possível.

LUIZ FABBRI.

(De «Influencias Burguezas sobre o Anarquismo».)

A' juventude brasileira

Jovem brasileiro! Achas tu que o mundo vai mal? Achas que, na terra, ha uma injustiça humana, segundo a qual alguns homens se opõem de tudo e, por meio da compressão, forçam os outros a trabalhar e muitos a morrer de miséria?

Sentes, no teu intimo, surda revolta contra as guerras tramadas, pelos industriais açambarcadores e agiotas avarentos?

Revolta te a odiosa tirania dos fascistas na Italia, dos milionarios nos Estados Unidos, dos nacionalistas em toda a parte, dos comunistas na Russia, dos socialistas na Espanha, dos reacionarios na Argentina, do Estado capitalista ou pseudo-socialista, em suma?

Nauseia te a impostura da Igreja Catolica Romana e a ação bestifidadora de todas as religiões a ensinarem absurdos e sesquipedais mentiras, a forçarem os que trabalham ao beija-mão dos exploradores: reis, presidentes, papas, bispos ou meros padres, patrões e officiaes?

Sentes, no coração, o impulso altruista de lutar por uma sociedade sem Estado usurpador, sem cleros, sem

banqueiros, sem proprietarios, baseada no acordo mútuo de todos os trabalhadores organizados em federações técnicas?

Se assim pensas e sentes, ós ANARQUISTA e basta te, para teres consciencia do que és, conheceres a doutrina anárquica.

Procura, pois, os centros anarquistas, participa da sua atividade, lê os livros netos, indierdos e torna-te militante da grande causa humana. Fazê isso, hoje mesmo.

Onde se acha a tal instrução?

Quando os sectários da demagogia malabarista fazem uso da palavra, que o fazem constantemente, espalham pelos quatro cantos do globo que a população de S. Paulo se acha em posição paralela com a urbe mais instruída do mundo.

Romanticismo puro, caríssimos demagogos!

Se falassem que a população paulista é, a mais contaminada em superstições religiosas, estariamos de pleno acôrdo, mas ética e esteticamente, não, senhores. É verdade que a população propriamente dita, para estes demagogos, sem noção de teoria, é composta de estudantes, burocratas, plutocratas e *tutti quanti*...

Os que vivemos no mais abominável pauperismo, nada representamos, no entenaer dos «filosofos».

Que se compreende por estrutura individual?

Aqui está um problema difícil, razão pela qual o proletariado paulista permanece na mais precaria situação.

E vá alguém querer emancipá-los e arrancar das pobres mentes destes assalariados o anacrônico sistema que ainda perdura na pitoresca Paulicéia!

A submissão aos plutocratas, a superstição do diabo e a devoção á «Santa Igreja», está tão radicada na plebe incauta, que será tarefa difícil instruí-la para que esta adquira suas irrefutaveis reivindicações.

Ora, para que o proletario paulista adquira o sublime adjetivo de «instruído» torna-se mister prescindir de todos os arcaicos dogmas religiosos e aprender, no lugar destes dogmas, as teorias de Proudhon, Bakunine, Kropotkine e outros insignes sociologos, e de milhares de abnegados militantes em prol duma sadia humanidade. Em S. Paulo, estes grandes filosofos são desconhecidos pelas massas, salvo pequenas exceções, porém.

Mas, se em Nova-York se efetua uma luta de Box, em S. Paulo sabe-se logo quem é o «ídolo» vitorioso, incluso as crianças da escola...

Esta é, pois, a decantada instrução que os demagogos malabaristas nos atribuem. — Um Ateu em Política e em Religião.

A «Guerra Civil de 1932 em S. Paulo»

PELO CAMARADA FLORENTINO DE CARVALHO

Já se encontra á venda em todas as livrarias este último livro, cuja leitura recomendamos a todos os homens livres.

Preço — 48000 — Pelo correio, registrado — 48500.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importância, devem ser dirigidos a Rodolfo Felipe — Caixa Postal 105 — S. PAULO.

SANTOS DUMONT

O Brasil acaba de perder o mais genuino e ilustre de seus filhos. Com a morte de Santos Dumont desapareceu o homem mais representativo, mais operoso e genial que esta terra generosa e dádiva que é o Brasil — já produziu.

Nunca este país, de sonho e maravilha, fez desabrochar flor de mais rara beleza, de mais peregrina delicadeza que Santos Dumont.

Efetivamente, esta figura admiravel de homem que acaba de libertar-se da lei da morte pelas portas da immortalidade, foi o tipo mais completo, o paradigma mais característico, o expoente máximo do que se pôde chamar HOMEM MODERNO, encarnação completa dum conjunto de atividades, qual delas mais expressiva, mais elevada e sugestiva.

Nunca em terras de Vera Cruz appareceu homem mais sábio, mais equilibrado, que unisse mais perfeitamente ao pensamento a ação, a teoria á pratica, o sonho á realidade, pensando e trabalhando, sugerindo e realizando, meditando e executando, incessantemente.

Emquanto tantos brasileiros procuram Paris, onde dissipam fortunas, atocados em gêros vulgares, grossieros e materiais, Santos Dumont fez dessa cidade campo apropriado ás suas experiencias arrojadas, aí realizou seus vãos, aí conseguiu criar o que se chama a Aviação Moderna, após muitas e reiteradas tentativas e ensaios e á custa de muito dinheiro que gastou, acabando por ver seus esforços e longas vigílias coroadas de êxito, o que lhe criou fama mundial, muito bem ganha e merecida e lhe grangeou o título de «Pai da Aviação».

Foi em Paris que tomou conhecimento do motor de explosão, sendo um funcionário na Exposição Industrial, tendo ficado muito impressionado com o fato e logo lhe passando pela mente que, com um motor tão leve, seria possível dirigir uma aeronave; aí fez cerca de trinta ascensões aerostáticas familiarizando-se com os vãos aéreos e enriquecendo seu espirito com o conhecimento de muitos fatos e observações novas.

Depois encontrando um motor a petroleo fê-lo funcionar suspenso do solo e verificando que o motor girava sem trepidação, resolveu applicá-lo a um balão que fratos de encemendar, tendo

o fato causado o maior interesse e despertado o maior succésso pois ninguém tinha visto até então um motor a roncar nos âres, continuando com uma pertinacia digna dos maiores encunhos a constatar novos aparelhos e a realizar novos vãos até que conseguiu contornar a Torre Eiffel, ganhando um premio de 120 000 francos que ele distribuiu aos mecanicos e operarios das fabricas que o tinham auxiliado e o resto entregando-o secretamente ao chefe de policia para que desempenhasse e devolvesse a seus donos as ferramentas de trabalho empenhadas nas casas de penhores.

Estes dois fatos revelam o homem. A penetração e sagacidade de seu espirito, a grandeza da sua alma, a magnanimidade do seu coração, a delicadeza de seus sentimentos. Santos Dumont compreendeu que, sem a ajuda inteligente e sem o interesse assíduo dos operarios, não teria sido possível dar corpo e realidade aos seus sonhos, aos seus pensamentos e ás suas cogitações. De fato, se os trabalhadores mecanicos não tivessem treino, vontade, habilidade para compreender e fabricar as peças desenhadas, a obra do inventor seria letra morta, nunca passaria dum sonho desfeito, duma aspiração irrealizada.

E em segundo lugar sentiu que a ferramenta é a alma e o pão do operario. Sem ferramenta está desarmado, aniquilado. Por isso não havia solidariedade mais urgente e generosa de que entregar dos trabalhadores as alfaias, sem as quais não poderiam ganhar o sustento. E o que realça mais estes fatos é de fazê-los sem publicidade, sem espatifato, sem reclame nos jornais, como esses que dão qualquer coisa, só para o seu nome ser estampado nos jornais e passarem por uns grandes filantropos.

Ele resolveu o problema da dirigibilidade dos balões, depois resolveu o problema do mais pesado do que o ar, acabando, por adotar e dirigir o aeroplano, que abriu á navegação aérea o mais amplo e largo caminho. De tudo isto, de todas estas descobertas nada recebeu, nenhuma patente fêrou, não quiz privilegio, nem exclusivismo algum, inventou, fez, construiu, realizou e tudo entregou á humanidade.

Mas Santos Dumont que era um

sonhador e um filantropo, um poeta da ação e da beneficencia só via na solução do problema sério um meio de aproximar os homens, torna-los mais fraternos e mais conhecidos, encurtando as distâncias, aproximando os países e os continentes, facilitando e abreviando as viagens e a troca de correspondencia. Surge, porém, a guerra de 1914. E o que viu e o que vimos nós todos? A aviação, ao serviço da morte, bombardeando cidades abertas e matando gente inocente. E ell-o acobardado ante este fato criminoso, arrependido talvez de ter inventado um aparelho tão belo para ser usado para fins tão lúgubres e tão diferentes dos que esperava. E é assim que escoreveu á Sociedade das Nações, protestando contra o emprego da aviação como maquina de guerra, lembrando que o melhor era fazê-la voltar ao desempenho dos fins para que a inventara, destinada a facilitar a vida dos homens e não á sementeira da morte.

Eis em breves e páldios traços um resumo incompletissimo, — pois que Santos Dumont dedicou suas atividades e meditações a outras descobertas e invenções, — dessa figura inconfundível cuja nobreza de sentimentos e amor á ciencia fez dele o primeiro brasileiro de todos os tempos.

Ele foi o homem predestinado, até pelo nome. De todos os Santos do céu e da terra que existiram foi o unico que fez milagres de verdade, milagres assombrosos pela audacia, pelo arrojo, pelo desapego á vida, pela indiferença ante o perigo, e esse milagre consistiu em disputar e conquistar ás aves o espaço — seu exclusivo patrimonio até então — e conseguir, singrando os céos, furando as nuvens, realizar vãos muito mais longos, extensos e demorados do que qualquer passaro ou ave possa fazer.

Milagre da Ciencia, obra do Saber e da Ação do grande pioneiro que não poupou esforços, cansaças, vigílias, dinheiro, para dar realidade á fantasia dos seus sonhos, á dama dos seus pensamentos, a navegabilidade e dirigibilidade dos balões, primeiro, e depois dos aeroplanos. Agora morreu. Que o seu exemplo nos sirva de estímulo! Que a sua memoria não se apague em nossas mentes! Que a grandeza do seu saber e da sua vida nos sirva de modelo e paradigma!

PINHO

O que o povo de São Paulo DEVE A CORJA POLITICA QUE O ARRASTOU A CONTRA-REVOLUÇÃO

Em primeiro lugar quarenta anos de hegemonia politica, subordinando os interesses gerais do país aos interesses particulares e regionais de S. Paulo, criando essa animadversão que existe para com os paulistas no Brasil inteiro.

Em segundo lugar o espezinhamento da Constituição e de todas as leis ordinarias, esquecendo-as e desprezando-as sempre que elas se opozerem aos seus caprichos daninhos, aos seus despotismos feroces, aos seus interesses inconfessaveis e illeitos, ás suas ambições desmedidas, ás suas ansias de poder absoluto, pessoal, unico e perpetuo, para as suas posições de predomínio não serem abaladas nem as dos parentes, amigos, socios e adherentes interessados e interesseiros.

Em terceiro lugar essa malfadada valorização do café. Esta daria para livros e livros e pouco se pode dizer assim de raspão, tão de relance. Segundo esses doutores, o café não se produz para ser vendido, mas sim para ser guardado, retido, armazenado, embalsamado á custa de empréstimos a jacto continuo, cujos juros constituem encargos pezássimos. O estrangeiro fornece dinheiro indefinidamente para depois ser o proprio á comprar o produto mais caro. E enquanto aqui se guarda a agradável rubiacea, a titulo de encarecela, os paizes concorrentes ampliam as suas culturas, vendem todas as suas colheitas, fazem ótimos negócios, prosperam, enriquecem, conquistam mercados, desalojam os tolos que os favorecem. E no dia que os prestamistas fecham os cordões á bolsa, o café sofre a maior depreciação, ha pânico no mercado, ninguém o compra e o fazendeiro que esperava mundos e fundos vê o seu produto completamente desvalorizado e sem compradores á mingua de qualquer socorro ou auxilio.

Depois queimam-se milhões e milhões de sacas, queima essa que é uma destruição insensata de tanta riqueza, produto de tanto trabalho, e que causa além disso outras despesas emergentes como sejam o transporte, o trabalho de quem queima, a fiscalização, etc.

Retem-se o café em lugar de o vender imediatamente para fazer dinheiro e circular a riqueza. Construem-se inumeros armazens ou armazenam-se, tanto no interior como em Santos e S. Paulo. Ha inumeros empregados nestes armazens para vigiar, guardar, ensacar, despachar e espantar os ratos. E tudo isto custa rios de dinheiro, tudo isto encarece cada vez mais o artigo. Pois, no fim de tudo, a unica solução é a fogueira devoradora, reduzido milhões de libras a cinza, pó e nada.

É este o vosso descortino politico, a vossa visão dos fenomenos economicos, ó illustres e consumados estadistas? Utopicos, iludidos e desastrados são os anarquistas, não é verdade?

Mas continuemos a nossa enumeração. Em quarto lu-

gar a enormissima dívida estadual, esquecendo agora a federal, a respeito da qual têm pozadas responsabilidades os politicos paulistas. Segundo comunicação feita á imprensa pelo sr. Waldomiro Castilho, atual interventor em S. Paulo, a dívida do Estado é de 3.493.404.000\$—tres milhões quatrocentos e noventa e tres mil, quatrocentos e quatro contos de réis, sem incluir o valor das requisições militares cuja responsabilidade recae sobre o Tezouro Paulista.

Mas, amigo leitor, isto é de estarrecer, são numeros vertiginosos, astronomicos que deixam um pobre operario esmagado, boquiaberto, por que lhe parece incrível haver tanto dinheiro e tanto crédito quando ele não avêza tostão e não tem quem lhe fle um cálice de agua chifra!... E quem e onde se gastou tanta dinheirama?!

Mas deixemos todas estas reflexões e passemos á ultima em datas, porque elas não têm conta, mas á mais atrevida, abominavel e sanguinaria: a contra-revolução iniciada de 9 para 10 de Julho. Esta esqueceu todas as regras do comediamento e do bom senso, atingiu todos os furores desencadeados por desejos torvos de vingança e de despique; foi o resultado dum amedidação fria, demorada e jesuitica como provocação e retaliação áqueles que os apearam do poder e organizaram comissões de inquerito que indagassem e colligissem nos documentos e arquivos officiaes todas as provas de suas prevaricações e malversações dos dinheiros publicos.

E para pôrem uma pedra em cima de tudo isto, para assaltarem o poder novamente e para impedirem o advento de novas concepções sociais, lançaram este povo heroico e laborioso numa luta de morte contra o resto do Brasil. É isto que o povo de S. Paulo e do Brasil deve a estes torpes politicos. É certo que a lista não está completa, mas cada um que lhe acrescente o que souber e faltar.

Ah! os negregados politicos!

Que nunca mais se reabilitem todos os que reduziram o Brasil á ruina moral, economica e financeira, em que se encontra.

252525252525252525252525252525

Passo livre

É comum ouvir da boca dos burguezes, do cléro e de toda casta decadente que nos infelicitam, palavras acintosas contra o redentor ideal em marcha através as cinco partes do globo, — o anarquismo.

Porém, não nos assustam por partir, de onde partem. Compreendemos, perfeitamente que, se assim procedem, é pelo temor que os invade de que o mesmo venha a triunfar, paralisando dessa forma os obstaculos de retrogradação e inércia que constituem a força maxima do atual regime social.

Muita calma, nada de nervosismos. Já sabeis que nós aparelhamos as grandes máquinas de aço, o um sem fim de instrumentos de alta precisão, aptos a simplificar o trabalho. Além disso nós respeitaremos os incapacitados de mente e de braços, e construiremos casas de saúde para a cura dos anêmicos morais, de forma a tornal-os mais uteis, mais dignos de viver, entre gentes que anseiam o livre direito á vida.

A palavra Anarquia é derivada do grego *An*, e *an* significam não, sem. *Cracia* e *Arquia*, significa poder, mando, governo, direção politica.

Assim, pois, os vocabulos anarquia e acracia equivalem a não governo de escravizadores do povo, e sim governo de cada um, e de iguais para iguais em comunas livres e de afinidade, sem comare, sem fronteiras, e com o unico fim de unir a todos os habitantes da terra e leva-los a viver em paz e harmonia.

A familia dignificar-se á por não mais exercer coação de especie alguma, entre os seres que se unam pelo amor livre ou seja pela atração de um para outro, desaparecendo então a prostituição, tal como succede hoje onde a animalidade inconciente apodera-se em alto gráo dos individuos, cauca dos vicios do meio ambiente.

A creança só então receberá o carinho, não só dos pais como o de toda a humanidade, no que respeita á alimentação, hygiene e educação, tornando-se possivelmente uma individualidade superior no terreno das artes e das ciencias, até atingir o máximo gráo de perfeição humana.

A velhice por sua vez, não constituirá um tormento como succede hoje, onde o anciano é atirado para um canto como um ser desprezível, mas o descanço daquele que produziu durante toda sua vida em beneficio proprio e da coletividade.

Eis em sintese o que é e o que querem os anarquistas. Portanto, é dever de todo homem bem intencionado, cultivá-lo e estudá-lo, para que possamos, em breve, elevar sobre as ruínas da burguezia, a paz e os direitos universaes da humanidade.

Portanto, passagem livre ao clarão que avança, á Anarquia!

ANGELO LASHERAS

ORAÇÃO

Minh'alma flutua por sobre o Cosmos... O mundo é criação do meu onho...

Eu sou o Criador de mim mesma...

Através de mim perpassam todas as correntes de Amor, refletidas no Arco Iris de Luz da Grandeza Espiritual dos Cosmos Incendios.

No Santuario profundo e iluminado do meu Ser, des envolvem-se energias infinitas para o perpetuo Vir-a-Ser da minha Conciencia.

Sou um Centro irradiador de poder sobre mim mesma, um ritmo no hino Cosmico, uma nota perdida na orquestração infinita da Beleza, na concepção maxima a que pode atingir a Mente Humana.

O Amor—o Deus unico nos parques silenciosos das minhas Catedraes interiores, canta, dentro de mim, o poema da Vida Eterna.

PÁRIAS...

Negro, de uma escudidão horríplante, Escuro o corpo: cegando de luz á infancia, Cobrindo a terra de odio e ignorancia, Anda o cura, firme, sereno, perseverante, A fazer dos homens u'a miseria ambulante.

Ele, freio incessante do progresso humano: Sentinela incansavel do despotismo, Da a seu proximo como abrigo um abismo, Dizendo-lhe hipocritamente: couve mãos, Mostra branda bondade, sendo feroz tirano.

João Huss, vítima do cura da antiguidade, Francisco Ferrer, mártir do padre moderno, Ilho de gritar para o futuro eterno, Perguntando ao mundo em nome de que santidade, Foi néles morto, o grito sagrado de Liberdade.

Verdugo da civilização, carrasco da ciencia; Amigo da ignominia, protetor da indignidade, Contagando o mundo de sua ferocidade, Semeando onde pisa, a fome e a violencia, Chegou, apolando-se em falso dogma, á decadencia.

O fim de seu poderio está chegado; A verdade e a virtude o aniquilam; A justiça e o direito o exterminam; E está a ralar o momento desejado, Em que se dirá com alegria e ironismo: Padre? Cura? Vaticano? clericalismo? — Felizmente já é vergonha do passado!!!

GWYNPLAINE...

Idolos não os reconheço. Porque... Só para Amar foi feita a Vida...

Cada Ser é um elo da grande corrente do Amor Universal.

Os erros e crimes de lesafelicidade humana—não estou disposta a continua-los com a cumplicidade do meu Ser.

Não matarás—é o segredo da Esfinge na evolução humana.

Jamais levantarei a pufeza dinamica das minhas mãos para macular o meu Ser no sangue de meu irmão.

Governo todo o meu mundo interior.

Eu sou a Ética e o Juiz da minha propria evolução. Através de meu Ser coam-se todas as luzes e todas as cores e todos os sons e todas as flamas de energia do lampadario ondulante da Vida em todas as suas estupendas manifestações.

Eu sou um atomo de Luz, um criador de serenidade, um dispersador de Forças no grande concerto Cosmico.

Eu sou um ritmo colorido e flamante, em Arco-Iris, refletido no Oceano do Amor e da Sabedoria. Eu sou o Artista Absoluto, criador dos meus Sonhos, esculptor do meu Pensamento, burilador da estatura do meu Ser, domador do corcéel da minha Vida.

Sou forte, tenho uma vontade energica e perseverante coragem e quero ser um canal por onde perpassem todos os ritmos da Beleza maxima e da maxima Sabedoria.

Sou Invencível porque sou o Amor.

Nada póde ser contra mim. E ninguém, absolutamente ninguém, me póde prejudicar.

Matel em mim o Medo, o Odio, a Inveja, a Vingança, o Orgulho, a Validade. O Amor enche todo o Universo do meu Ser.

Não mais quero despertar a besta-fera adormecida, enjaulada nas criptas profundas do meu inconciente instintivo.

O Amor transborda no lampadario dos Astros ou no

lampear cintilante do olhar materno, divinizado pela maternidade espiritual.

Saibamos extrair o Amor dos escombros, das ruínas, dos erros e crimes perpetrados por todas as civilizações de barbaros.

Não sejamos cumplices dos carrascos do género humano. Gloria á Liberdade!

Não mais sirvamos de capatazes e escravos, lacaios do dominismo ou do servilismo e da covardia do rebanho social.

A minha patria é o meu coração.

A minha patria é a minha Razão.

A minha patria é o Universo.

A minha patria não tem fronteiras: vai até o coração imenso de todo o genero humano e considerado nas unidades individuais.

A minha Religião é a Religião do Amor e da Beleza. A minha metafisica livre é embalada no «sorriso da duvida e na musica do sonho.» É um poema... Não tenho Religião, porque minh'alma é profundamente religiosa... da Religião do Amor, da Beleza, da Sabedoria. Venham a mim, ó meus irmãos, amigos e inimigos. A todos eu amo com a Sabedoria do Coração.

Apertemo-nos as mãos no gesto altivo e nobre e grande e forte da Solidariedade Individual—para a Paz entre os humanos, para uóvos e mais altos destinos no seio da Harmonia Cosmica.

Gloria á Liberdade! Gloria á Sabedoria! Gloria á Beleza! Gloria ao Amor!

Gloria á suprema Beleza do Amor no coração dos seres humanos.

Gloria a tudo que vive e soluça e canta o sonho na escalada magnifica — para além do Tempo e para além do Espaço...

Gloria a todas as estupendas maravilhas do Universo de que cada Ser livre é um Centro irradiador de Força e Beleza, de Amor e Sabedoria.

MARIA LACERDA DE MOURA

MOVIMENTO OPERARIO

Federação Operaria de S. Paulo

NOTA OFICIAL

Entre as deliberações do ultimo ple-nario, merecem destaque, a da realiza-ção do 4.º Congresso Operario Brasileiro no mez de Maio e a realização de atos publicos contra a fascista lei de sindicalização e a obra perniciosa que o representante do Ministe-rio do Trabalho, está realizando.

O Congresso Operario que se rea-lizará na Capital Federal e terá a re-presentatione direta da classe trabalha-dora de todo o país, além dos repre-sentantes da Associação Continental dos Trabalhadores Americanos e pos-sivelmente da A. T. (Berlim) a mais de reerguer o unico organismo Con-federal do proletariado brasileiro—a «Confederação Operaria Brasileira»—estudará todos os aspectos da Questão Social e traçará diretrizes justas para a luta contra a exploração capitalista e contra a intrusão do poder estatal nas relações entre capital e traba-lho a pretêsto de defender este ul-timo.

A Comissão Organizadora já ex-pediu circulares para as associações operarias de todo o país e está alivan-do o labor preparativo.

A Federação Operaria de S. Paulo, que tanto na sua primeira fase, como na atualidade, soube manter incólumes os principios do apoliticismo sindical, está sendo alvo do odio dos politi-queiros de todos os matizes e de to-das as cores. Ainda ha, poucos dias, dois elementos que, por quererem ar-rastar as organizações operarias ao terreno da politica, desligaram-se da Federação, juntamente com a organi-zação que representavam e que á re-végia da maioria dos trabalhadores da classe passou a obedecer ás ordens de determinada facção partidaria, apro-veitando um lapso de redação, publi-caram no jornal «L'Italia», uma de suas costumadas diatribes, contra esta entidade e os organismos que a inte-gram.

Oportunamente e nas colunas do referido periodico, lhe daremos a res-posta que merecem, para esclareci-mento dos que não conhecem a obra nefanda de divizionismo que a man-dado dum partido politico, estão reali-zando. Para S. Paulo a resposta está sendo dada pelos proprios trabalhado-res que diariamente acorrem aos sin-dicatos filiados á Federação Operaria de S. Paulo, enquanto eles, divizionistas, são obrigados a pôr a descoberto suas tôlas patranhas, como aconteceu no tal Comité de frente unico sindical, integrado, segundo eles, por tres asso-ciações operarias e desmentidos pu-blicamente por uma delas, que nos proprios jornaes do tal Comité, exigit- fosse inserido seu protesto pela inclu-são, á revelia da Comissão Executiva e dos associados, do nome da orga-nização como participe da larça que estão representando.

Liga Operaria da Construção Civil

FILIADA A' F. O. S. P.

Na vida associativa deste organismo de classe, lê-se-se registrado, nestes ul-timos tempos, algumas lutas com o patronato, das quais sahiram vencedo-res os trabalhadores organizados. No momento está em grêve a Fabrica de Planos Nardelli, mantendo-se os trabalhadores desta casa na mais per-fecta norma de solidariedade, dispo-sitos a não voltar ao trabalho enquanto não forem satisfeitas as suas preten-sões, que não serão tapadas, mas cum-pridas.

Domingo proximo haverá na sede deste sindicato uma reunião de pro-paganda.

União dos Operarios Me-talurgicos

FILIADA A' F. O. S. P.

A Comissão Executiva da União dos

UNIÃO DOS ARTIFICES EM CALÇADOS E CLASSES ANEXAS

em memoria de Ricardo Cipolla e Antonino Dominguez

A União dos Artífices em Calçados realizará, segunda-feira proxima, dia 2 de Janeiro, ás 20 horas, em sua sede social, rua Quintino Bocayuva, 80, uma sessão solêne, comemorando a morte dos inesque-cíveis companheiros Ricardo Cipolla e Antonino Dominguez. Nessa comemoração que se revestirá de grande significação, dado o afêto com que são lembrados es-ses dois incansáveis e devotados companheiros que perderam a vida em consequença do seu amor ao ideal e da firmeza com que defendiam seus principios,



Ricardo Cipolla



Antonino Dominguez

o camarada Carlos Boscolo fará uma conferencia subordinada ao seguinte têmea: «O Proletariado ante o Sindicalismo Revolucionario».

Sendo a conferencia de grande atualidade pela focalização do problema social em todo o mundo es-tatal e capitalista, e, tratando-se de relembrar tambem a obra daqueles dois intemeratos e ativos companhei-ros, abatidos a bala pelo seu apêgo ao movimento as-sociativo e libertario, espera a Comissão Executiva daquela União que nenhum trabalhador deixe de com-parecer.

A este apêlo associa-se, muito de coração, a «A Plebe», pedindo a todos os camaradas a sua presença áquela reunião.

Operarios Metalurgicos de S. Paulo, leva ao conhecimento de todos os as-sociados e notadamente aos camaradas de Porto Alegre e Rio Grande do Sul, que o Secretario Geral deste Sin-dicato, companheiro Francisco Valdivia, está no seu posto e que não se afastou nestes 6 ultimos mezes da or-ganização e que o mesmo companheiro que está atualmente em Por-to Alegre, e que se diz Secretario Ge-ral da U. O. M. de S. Paulo, não é nem mais nem menos que um vulgar aproveitador que, assim se intitulando, procura auferir vantagens na qualida-de de ocupar um lugar que jamais occupou...

Secretaria, 12-12-32.

A Comissão Executiva.
Francisco Valdivia
Secretario Geral

Sindicato dos Manipuladores de Pão e Anexos Confeitarios

FILIADO A' F. O. S. P.

Procurando resolver a questão do horario de 8 horas e o trabalho diu-rno nas padarias, este sindicato de clas-se continua a sua obra de propaganda.

União dos Trabalhadores da Light

FILIADA A' FEDERAÇÃO OPERARIA DE S. PAULO

Aos trabalhadores da Light, a Co-missão Executiva da U. T. L., avisa que todos os associados deverão re-meter com a maior brevidade as ca-dernetas de férias, á sede social, rua do Carmo, 12, 1.º andar, além de que a União possa tomar as providencias necessarias, a fim de fazer cumprir a Lei de Férias.

União dos Empregados em Cafês

FILIADA A' FEDERAÇÃO OPERARIA DE S. PAULO

Val ser distribuido á classe um ma-nifesto de propaganda, onde se pro-cura fazer sentir aos trabalhadores deste ramo de industria a necessida-de de associar-se livremente, recor-dando-lhes as conquistas feitas pela U. E. C. desde o periodo da sua fun-dação. O serviço de averigmentação da classe está sendo feito com grande sucesso, notando-se o esforço da nova C. E. nesse sentido.

A rifa pró «A Plebe»

A rifa—ação entre amigos de «A Plebe»—que foi sorteada no dia 26 do corrente, coube aos seguintes numeros:

- 1. premio 832
- 2. 832
- 3. 139

Os amigos a quem couberam os premios, podem procura-los na nossa sede, á la-deira do Carmo, n. 7.

Materia que fica

Ainda hoje fomos obriga-dos a deixar para os proximos numeros varios artigos de colaboração, traduções e noticias.

Munições para A PLEBE

LISTA n. 11, a cargo de Nunes: B. C. 48; A. P. 18; Roberto 18; Nunes 28; e um Cast. 18. — Total 108000.

LISTA n. 13, a cargo de Farina: Agostino 38; Americo 18; Vicente 18; Vargas 28; Bustamente 18; Atílio 18; Gutierrez 18; Sebastião 18; Angelo 28; Bortolo 18; José 18; Barleta 18; Sola 18000; e Mentose 18; — Total 178500.

LISTA n. 19, a cargo do Peres: Francisco 18; Peres 58; Salvador 8500; Felipe 8500; Rosalio 8500; Domingos 28; Angelo 18; Bachelia 18; Ruiz 58; Orlando 18; Santos 18; Alberto 18; Armando 18; e Pascoal 28; — Total 218500.

LISTA n. 27, a cargo do camarada G. Zaghini: M. Cerrati 58; A. Pires 58; Luis 58; Arrigo 58; Toni 68; Ma-sini 68; e Mazano 18 — Total 318500.

LISTA n. 24, a cargo do camarada Lavessa: Vieira 18; Manoel 18; José 18; Agripino 18; Costa 18; Amos 48; Chaves 58; Salvador 28; Sauches 18500; — Total 188500.

LISTA DA ADMINISTRAÇÃO

Recebido em c/ de listas: de Valdivia 68700; de Fermio 88000; D'Onofrio 108000; Oido 578000; e Marino 158000; Assinaturas: A. Silva, de Santos 108; J. Franco, idem 108000; R. Reis, de S. Paulo 108000; Ezequiel, idem 88000; Stabul, idem, 108000; Aldo, idem 58; Remo, idem 108000; Silva, idem 108; Ramere, idem 108000; Amarante, idem 108000; Gonçalves, idem 108000; Nini, idem 58000; Laza, idem 58000; Saez, idem 88000; L. Usier, Quararema 108. Contribuições: Auxílios e venda avulsa em Sorocaba, 378000; saldo das edições do folheto «O que Povo Reclama», 628300. — Total 3188000.

VENDA AVULSA E PACOTEIROS

Jordano, 18; Umberto, 18800; Marino, 58400; Oido, 48600; avulsos, 88400; Escudetario, rua, 108; avulsos, 48200; Chiquinho e outros, 18800; Peres, 28; Marcos, 18400; Farina, 18; Sola, 28; Italiano, 48800; Campana, 48; Joaquim, 28; Emmano, 28; Fernandes, 18800; Chaves, 58; Rua e Italiano, 98; Parra, 18; C. Civil, 168; venda avulsa recebida por Oid, 688500; venda avulsa na rua, 588; Antonio M., 58; Fermio, 28; Peres, em S. Bernardo, 188; Coluci, na Lapa, 108; Aroca, 28; Rodrigues, 28; Gianini, S. Roque, 28; Braes, 28; Sebastião, 28; um vidreiro e venda avulsa, 148; Bruno, 28; e Zaghini, 28. — Total 2578400.

LISTA n. 46 a cargo de Lopes: um naturalista, 38; um simpatizante, 38; J. C., 18; Sapateiro, 18; Ramon, 18; M. P., 38; Cervantes, 28; Frugoli, 28; B. C., 28; Ozolina, 18. Total: 198000.

LISTA DE CURITIBA. — W., 18; Antonio, 58; Domingos, 18; Pirinotti, 68; Haas, 58; Faria, 58; Simpatizante, 38; Kusma, 58; Julio, 28; Erasmo, 208; Gonçalves, 58; Julio, 8500; Manoel, 38; avulsos, 18400. Total: 618900.

PACOTEIROS: Francisco, 18; Oid, 28; Oido, 28; Chaves, 58; Umberto, 58; Cataldo, 18; Empregados em Cafes 108; Antonio 18; Anonimo 18; C. Civil 188; Pascoal 28; Peres 28; Montanaro 28; Marcos 18; Nigri 28; Elen-terio, venda avulsa e pacoteiros 398700.

LISTA DA ADMINISTRAÇÃO:

Fedele 58; Umberto, de folhetos 383; Qualquer 28; P. Rodrigues 58; venda de folhetos, 88. Total: 238000.

LISTA n. 34 a cargo de V. R.: Rubi-no 28; Russo 28; Estevam 28; Raphael 28; Manieva 28; João 28; Barrionovo 28; Garcia 18; Macio 28; Americo 28; Cortoni, 18; Sposito 18; Bentinho 18; Luiz 28; Umberto 18; Padovani 18; Adelerme 18; Parmazano 28; João 28; Tomazio 18600; —Total: 348600.

As listas de munições acima publica-das figuraram nos balancetes pu-blicados no ultimo e penultimo nume-ro do jornal.

LISTA n. 53, a cargo de dois amigos de «A Plebe»: A. F. 68; Mantovani 28; Veneziano 38; L. A. 28; Jaime 28; A. V. 28; Primo 18; F. P. 18; Matheus 18; Angelo 18; Nicola, 38; C. F. 28; Clate 18900; e Umberto 18 — Total 278900.

LISTA n. 36: Umberto, Segovia, Manoel, José Herrera, M. H. e Cabello 8600 cada. — Total: 38500.

LISTA n. 58: M. Marilys 608; A. Arias 208; O. Spin 208; Francisco, 28; F. B. 58; F. Sanches 508 e Raphael 20. — Total 1678000.

LISTA DA ADMINISTRAÇÃO: — Grafico 18; Gonçalves, 108; Jordão, 108; Saigueiro, 58; Fortunato, 18; Pina, 108; Carmelo, 108; Quastella, 108; Sarmento, 18; Roberto, 28; Alberto Silva e A. J., sapateiros, por terem recebido férias, 108 cada um, Teceilo, 108; L. Pampolini, 108; Valente, 58 e porcentagem e venda de folhetos, 488300; S. Brizante, 108; Irmãos Brizante, 58. Total: 1688500.

PACOTEIROS E VENDA AVULSA. — Na sede, 38800; Rici, na festa, 218900; venda de festa, 118600; Aroca, 28; Pascoal, 28; Rodrigues, 28; Firmi-no, 28; Marilys, 28; Nigri, 28; L. P., 18; Peres, 38800; Tavares, 28; venda

avulsa na rua, 888 e Amor, 16; C. Ci-vil, 278; Marino, 68; Oido, 38. Total 1438100.

DO INTERIOR. — Livraria Inter-nacional de Porto Alegre, 208; do Cen-tro de Estudos Sociais, de Sorocaba, 208; de Cascavel, Ross e Mamede, 158; Liga Operaria, de Pelotas, 208. Total 78900.

Nosso Balancete

ENTRADAS	
LISTA n. 53	278900
LISTA n. 36	38500
LISTA n. 58	1678000
LISTA da administração	1588500
Pacoteiros e venda avulsa	1438100
Do interior	78900
Total	5785900
DESPEZAS	
Deficit do balancete anterior	898500
Confecção e compilação da edição de hoje	4805000
Selos, goma e papel	208500
Total	12775000
CONFRONTO	
Despesas	12775000
Entradas	5785900
Deficit	7005000

Opinião alheia

Já se vêm sérios inicios de especulação no cuidar dos Problemas Sociais, ocul-tando o plano de arremgimen-tar os trabalhadores para ex-plora-los como elementos eleitorais

CEL. MANOEL RABELLO.
(Dos jornais).

Rifa e Festival

Esperamos para o proximo numero publicar o balancete da rifa e do festival pró «A Plebe».

A «A PLEBE» no Interior

EM SOROCABA
Com o camarada Albino Sbrana, á rua Ermelindo Ma-tarazo, 61.

EM PORTO ALEGRE
Na Livraria Internacional. Rua Voluntarios da Patria, 1195.

EM PELOTAS
Na sede da Liga Ope-raria.

NO RIO DE JANEIRO
Com o camarada Sebastião Batista, á rua Teofilo Otoni, 148—2.º, todos os dias, das 18 ás 20 horas.

A festa de A Plebe

Conforme estava anuncia-do, realizou-se na noite de 24 do corrente a festa pró «A Plebe», a qual resultou uma afirmação vibrante das simpatias que goza o nosso semanario.

Véspera de Natal, quando pela tradição, pelo habito, pelo desejo de encontrar-se, as familias costumam reunir-se em volta da mesa em amigavel conversação, co-mendo os doces, e as frutas, apesar disso, o salão encheu-se de amigos, de familias, de garrulas e irrequietas crianças.

E fizeram bem. O dia era bem próprio. Era uma ma-neira de festejarmos tambem o Natal revolucionario, o nosso, á nossa moda, reunin-do a familia ideologica e re-volucionaria numa festa agra-davel e inesquecível.

O programa executou-se á risca. Palestra, representa-ção, recitativos, tudo se cum-priu conforme o prometido. E todos se esforçaram o mais que puderam para dar real-ce ao papel que lhes cabia. E, nós, a todos aqui equal-gnamos o nosso: muito obriga-do!